

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL

Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes

Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, Paraná.

Gislaine Cristina Vagetti

Universidade Estadual do Paraná, Departamento de Musicoterapia, Curitiba, Paraná.

Aline Bichels

Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, Paraná.

Luana Suemi Fujita

Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, Paraná.

Cynthia Fernanda da Fonseca Silva

Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, Paraná.

Valdomiro de Oliveira

Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, Paraná.

RESUMO: Os baixos índices de nascimentos na atualidade e o crescimento considerável da população idosa no Brasil refletem a transformação demográfica que vem ocorrendo. Diversas áreas do conhecimento têm desenvolvido estudos sobre o envelhecimento, sendo consensual na literatura o papel fundamental da educação e sua influência no funcionamento cognitivo em idosos. A partir disso, o objetivo desse estudo foi verificar a relação do dado escolaridade com o estado cognitivo

em idosas participantes do departamento do idoso da Fundação ProAmor da cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Para isso, foi realizado um estudo descritivo correlacional do tipo transversal com uma amostra de 544 idosas. Os questionários utilizados foram o Sociodemográfico, Classificação Econômica e *Mini Mental State*. Na análise estatística foram usadas a estatística descritiva e teste de correlação de Pearson (r) e r^2 . A média de idade das idosas participantes foi de 68,91 anos. Na análise de relação entre os anos de escolaridade e do teste cognitivo, a correlação de Pearson (r) mostrou-se significativa a nível $p \leq 0,05$ para idosas com Primário Incompleto ($r=0,199$), em toda a amostra ($r=0,382$). O grupo com Pós-Graduação teve a maior correlação entre os grupos ($r=0,929$), porém não se mostrou significativa a nível de $p \leq 0,05$. Estes resultados indicam haver relação da escolaridade com o estado cognitivo, porém, apenas quando analisada a amostra como um todo. Com isso, sugerimos a necessidade de ampliar as políticas educacionais que promovam a educação de idosos no Brasil, e de que o dado escolaridade precisa ser tratado nos estudos de forma multidimensional.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa Idosa, Cognição, Escolaridade.

ABSTRACT: The current low birth rates and the

increasing of the older population in Brazil reverberates the occurring demographic transformation. Different knowledge areas are studying about the elderly and the important role of the education and cognition has been consensus in the literature. The aim of this study was to evaluate the relation of scholarship and the cognition state in older women from senior department of the Fundação ProAmor in Ponta Grossa city, Paraná state, Brazil. For this purpose, a descriptive cross-sectional study was carried out with a sample of 544 elderly women. The questionnaires used were Sociodemographic, Economic Classification and Mini Mental State Exam. Descriptive statistics and Pearson's correlation (r) and r^2 were used in the statistical analysis. The age average of the elderly women was 68.91 years. In the relation analysis between scholarship and the cognitive exam, the Pearson's correlation (r) was significant at $p \leq 0.05$ for elderly women with incomplete elementary school ($r=0.199$) and throughout the sample ($r=0.382$) and with graduate studies had the highest correlation between groups ($r=0.929$), but did not show significant at $p \leq 0.05$. These results designate that have a relation between scholarship with the cognitive state, but only when the analysis is with the whole sample. Thereby, we suggest that the public policies need to be improved to promote the elderly education in Brazil and even though, the scholarship need to be addressed in multidimensional studies.

KEYWORDS: Elderly, Cognition, Education.

1 | INTRODUÇÃO

A projeção da pirâmide populacional sinaliza para o incremento da longevidade, porém, a realidade brasileira ainda apresenta fragilidade no trato com a pessoa idosa. As doenças crônicas degenerativas, o comprometimento da autonomia, a estrutura familiar frágil, a institucionalização e o déficit em vários aspectos relativos à qualidade de vida vem sendo algumas das preocupações de estudos sobre a pessoa idosa no Brasil e no mundo (VAGETTI et al., 2013; IBGE, 2013; VERAS, 2009).

Com a transformação demográfica ocorrida no Brasil a partir da década de 70 do século passado, os baixos índices de nascimentos na atualidade e com o crescimento considerável da população idosa, aliado às boas expectativas de vida da população e do crescimento científico em saúde, um contingente significativo de pessoas vem envelhecendo, sendo uma realidade em todo o Brasil, o qual deverá alcançar patamares elevados no futuro em porcentagem da população idosa (MIRANDA; MENDES,; SILVA, 2016; IBGE, 2013).

Com estes fatores e projeções, diversas questões cruciais vêm à tona, despertando o interesse de diversos pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, o que vêm constantemente aumentando os estudos sobre a pessoa idosa (GOMES; VAGETTI; OLIVEIRA, 2017; VERAS, 2009).

Áreas do conhecimento como a psicologia e a saúde tem buscado e desenvolvido estudos observando o fenômeno de crescimento da população idosa. Estudos entre

áreas e a população idosa é recorrente na literatura, como no caso da Educação e Saúde, que buscam conscientizar e melhorar a percepção de qualidade de vida da pessoa idosa (CABRAL et al., 2015).

Neste contexto, é consensual na literatura, o papel fundamental da educação e sua influência no funcionamento cognitivo (MATOS; MOURÃO; COELHO, 2016). A educação como área “mãe” de outros campos de estudo, vem aos poucos expandindo o seu olhar investigativo sobre a pessoa idosa, pois há uma necessidade de ampliação de currículos de formação e até de compreensão do ensino da pessoa idosa no Brasil, fazendo-o de maneira problematizadora e crítica, e com isso buscar espaço sobre a temática do envelhecimento no âmbito da educação (ARGIMON et al., 2012; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2010).

A escolaridade constitui uma importante variável a ser considerada na avaliação cognitiva de idosos. A educação permanente e a oportunidade de aprendizagens contínuas atendendo à necessidade de interação, participação e reconhecimento público podem permitir viver mais e melhor.

Em diversos estudos a escolaridade é utilizada como um fator de estimativas educacionais, e em muitos estudos ainda é tratada apenas como dado caracterizador de amostra (JORGE, 2017).

No Brasil, a escolaridade em idosos ainda passa por dificuldades, de acordo com o IBGE (2013, p. 120)

[...] as taxas de analfabetismo entre as mulheres dos grupos de idade de 50 a 59 anos e 60 anos ou mais são superiores às dos homens dos mesmos grupos de idade. Nesses grupos, no entanto, as taxas de analfabetismo são significativas para os dois sexos, o que indica a necessidade de investimentos públicos na educação de adultos nessas faixas etárias.

De acordo com Yassuda e Abreu (2006), o grau de escolaridade pode afetar o padrão de desempenho normal em testes cognitivos. Rocha, Klein e Pasqualotti (2014) ressaltam que o baixo nível de escolaridade pode estar associado com o declínio das funções cognitivas de forma mais acelerada na velhice.

Esta questão é visível em vários estudos, como no caso do estudo de Martins, Santos e Andrade (2015), onde apresenta a escolaridade apenas como um dado demográfico da população portuguesa. Outros estudos, apontam que além de comportamentos não saudáveis, a baixa instrução escolar também reflete em doenças degenerativas ligadas à cognição entre idosos (FARIA et al., 2013).

Segundo Parente et al. (2009), a visão do nível de escolaridade ser apenas um dado de tempo de anos de estudo é ultrapassada, e a mesma deve ser considerada uma variável multidimensional, sendo utilizada e desenvolvida pelo indivíduo conforme as suas necessidades. Para Stern (2009) um conjunto de vivências, como escolaridade, pode estar associada a uma menor porcentagem na diminuição da memória com o envelhecimento, refletindo diretamente em sua capacidade cognitiva.

Estes achados indicam que indivíduos com mais anos de estudo ou escolaridade

apresentaram um estilo de vida mais saudável, bem como parece ser um fator importante para manutenção do estado cognitivo, colaborando diretamente no estilo de vida da pessoa idosa (BREWSTER et al., 2014; JUNIOR; LAMONATO; GOBBI, 2011; DINIZ et al., 2007).

Para que o processo de envelhecimento seja bem-sucedido são necessárias políticas e práticas eficazes que confirmem à pessoa idosa qualidade de vida e bem-estar, com foco no envelhecimento ativo e saudável, especialmente para as pessoas de baixa escolaridade, já que isso tem impacto na participação da vida comunitária. Portanto, torna-se imperativo a diminuição da exclusão social e do isolamento no que concerne a essa parcela da população (FERREIRA-SANTANA, et al., 2016).

Segundo Moraes, Moraes e Lima (2011) o envelhecimento ocorre em todas as partes do corpo do ser humano, porém, o estado cognitivo pode ser um dos únicos sistemas a não sofrer com o envelhecimento, não pelo desgaste, mas pela capacidade de manter-se ativo, ou seja, a sua capacidade de raciocínio se mantém mesmo com as perdas fisiológicas, principalmente se a pessoa idosa tende a manter a sua capacidade cognitiva ativa.

Nessa perspectiva, os estudos apontam para uma possível relação entre o estilo de vida adequado com o bom estado cognitivo entre idosos, resultando em uma melhor percepção de qualidade de vida (ARGIMON et al., 2012; BIRCH et al., 2016; GOMES; VAGETTI; OLIVEIRA, 2017).

Com o decorrer da idade, algumas alterações a nível cognitivo podem ocorrer, mas também, transformações no funcionamento psicomotor, com implicações no tempo de reação, tempo de movimento e velocidade de desempenho. Desta maneira, as alterações cognitivas que possam surgir no envelhecimento humano estariam então ligadas às mudanças fisiológicas e no caso de doenças degenerativas, sendo que estas podem ser minimizadas com comportamentos saudáveis (FARIA et al., 2013; ALDERS; LEVINE-MADORI, 2010).

Portanto, após este breve levantamento de estudos, observa-se a importância do dado sociodemográfico e escolaridade em função da condição cognitiva do idoso. Neste intento, o presente estudo pretende verificar a relação do dado escolaridade com o estado cognitivo em idosas participantes do departamento do idoso da Fundação ProAmor da cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo caracterizou-se como descritivo correlacional, do tipo transversal. Este tipo de estudo consiste em descrever e determinar a relação existente entre as variáveis e a sua predição (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

2.1 População e amostra

A população do estudo constitui-se em 1.100 idosas participantes do departamento do idoso da fundação ProAmor, vinculada à secretaria de assistência social da prefeitura municipal de Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Para determinação da amostra utilizaram-se os seguintes parâmetros: nível de confiança desejado de 95%; erro máximo atribuído de 5%; proporção do fator de risco na população de 50%. Com isto, o resultado do cálculo amostral para representatividade da população para as análises foi de 286 indivíduos. Acrescentou-se 20% para possíveis perdas de informações decorrentes de questionários preenchidos incorretamente ou não entregues. Dessa forma, a amostra final necessária para este estudo seria de 338 idosas. Entretanto, todas as participantes do projeto foram convidadas e 544 idosas aceitaram participar do estudo, caracterizando-se assim como uma amostra por conveniência.

2.2 Instrumentos e procedimentos

Os dados deste estudo foram coletados, durante o horário de participação das idosas no departamento do idoso, por uma equipe previamente treinada. Os fatores de inclusão desta pesquisa foram: o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, ser do sexo feminino, e possuir idade \geq a 60 anos. Os instrumentos adotados nesta pesquisa foram:

a) Sociodemográfico (MAZO, 2003): utilizado para obtenção dos dados relativos à idade, raça, estado civil, escolaridade, anos de estudo e ocupação. Este instrumento utiliza-se de questões adaptadas à população idosa, o qual fornece como resultado o auto relato das idosas entrevistadas. Para efeitos deste estudo, utilizou-se a classificação da escolaridade em oito níveis, sendo: Primário Incompleto, Primário/Fundamental Incompleto, Fundamental Completo/Médio Incompleto, Médio Completo/Superior Incompleto, Superior Completo, Curso Técnico Incompleto, Curso Técnico Completo e Pós-Graduação.

b) Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2015): contém informações sobre a posse de bens e escolaridade do chefe da família. O critério utilizado categorizou os sujeitos em 4 classes econômicas a saber: A (45- 100 pontos); B (29 - 44 pontos); C (17 - 28 pontos) e D (0- 16 pontos).

c) *Mini Mental State* - MMS (FOLSTEIN et al., 1975): teste cognitivo para medida do estado mental. Segundo Brucki et al. (2003), utiliza-se a seguinte referência de pontuação para população brasileira: \leq 20 pontos para analfabetos, 21 - 25 pontos para idosos com um a quatro anos de estudo, 26 - 27 pontos para idosos com cinco a oito anos de estudo, 28 pontos para aqueles com 9 a 11 anos de estudo, \geq 29 pontos para aqueles com \geq 11 anos de estudo. Para efeito na análise descritiva deste estudo, os indivíduos foram classificados, de acordo com o que se espera do tempo de escolaridade em anos: déficit (abaixo da escolaridade informada), condizente

(resposta condiz ao tempo de escolaridade informado) e superávit (acima da escolaridade informada). Na análise de correção os dados brutos (valor total no teste) foram utilizados para verificação da possível relação com o dado da escolaridade apresentado no instrumento sociodemográfico citado acima.

2.3 Análise Estatística

Os dados foram tabulados em planilha Microsoft Excel e analisados por meio do pacote de análises estatísticas SPSS 24.0. A estatística descritiva, baseada em recursos tais como frequência absoluta e relativa, foi utilizada para apresentar os dados caracterizadores da amostra. Para verificar a relação entre a escolaridade e o resultado cognitivo, a escolaridade foi categorizada em forma de grau de escolarização (de ensino primário incompleto até Pós graduação) tendo 8 faixas de estudo, com isto foi utilizado o teste de correlação de Pearson(r) e o r^2 para verificar a explicação de uma variável sobre a outra. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$.

2.4 Aspectos Éticos

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná-UFPR, e aprovado no dia 12 de fevereiro de 2015 sob o número de o parecer nº 954.303, sendo seguida a Resolução nº 466/ 2012 do CNS, que apresenta as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Todas as idosas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), indicando estarem cientes dos procedimentos e concordando em participar neste estudo.

3 | RESULTADOS

A média de idade das idosas analisadas foi de 68,91 anos, sendo disposta entre 60 e 93 anos (mínimo e máximo). Em relação à raça, 446 (82%) se consideram de cor branca, em relação ao estado civil, 210 (38,6%) são casadas, em relação à escolaridade, 249 idosas (45,8 %) tem até 4 anos de estudo, quanto a questão profissional, 272 estão aposentadas (50%), em relação ao nível social, a maioria são de classe social C (303 sendo 55,7 %) e 75,2 % das idosas tem aspectos positivos em relação a sua cognição. Demais informações encontram-se na tabela 1 a seguir.

RAÇA				
	N	%	% Valida	% Acumulada
Branca	446	82,0	82,0	82,0
Negra	28	5,1	5,1	87,1
Amarela	6	1,1	1,1	88,2
Parda	59	10,8	10,8	99,1
Outra	5	,9	,9	100,0
Total	544	100,0	100,0	
ESTADO CIVIL				
Solteiro(a)	48	8,8	8,8	8,8
Casado(a)	210	38,6	38,6	47,4
Separado(a)	87	16,0	16,0	63,4
Viúvo(a)	184	33,8	33,8	97,2
Outro	15	2,8	2,8	100,0
Total	544	100,0	100,0	
ESCOLARIDADE				
Analfabeto/Primário incompleto	249	45,8	45,8	45,8
Primário completo	139	25,6	25,6	71,3
Ensino fundamental completo	66	12,1	12,1	83,5
Ensino médio completo ou técnico (in)completo	74	13,6	13,6	97,1
Superior completo ou pós-graduação	16	2,9	2,9	100,0
Total	544	100,0	100,0	
OCUPAÇÃO				
Aposentada	272	50,0	50,0	50,0
Pensionista	114	21,0	21,0	71,0
Nunca trabalhou	3	,6	,6	71,5
Dona de casa	121	22,2	22,2	93,8
Outro	34	6,3	6,3	100,0
Total	544	100,0	100,0	
CLASSIFICAÇÃO SOCIAL				
E	1	,2	,2	,2
D	158	29,0	29,0	29,2
C	303	55,7	55,7	84,9
B	78	14,4	14,4	99,3
A	4	,7	,7	100,0
Total	544	100,0	100,0	
TESTE COGNITIVO X ANO ESCOLAR INFORMADO				
Déficit	135	24,8	24,8	24,8
Normal	297	54,6	54,6	79,4
Superavit	112	20,6	20,6	100,0
Total	544	100,0	100,0	

TABELA 1- Análise descritiva com porcentagem e porcentagem acumulada dos dados sociodemográficos, classe social e aspecto cognitivo das Idosas do Departamento do Idoso da Fundação ProAmor de Ponta Grossa, PR, Brasil.

Ao analisar a tabela 1, percebe-se a grande quantidade de indivíduos com resultado satisfatório no teste cognitivo, porém, ainda temos uma grande quantidade de pessoas com déficit cognitivo. No gráfico 1, é possível verificar a quantidade de indivíduos com déficit cognitivo em comparação aos níveis escolares. Percebe-se que a maioria das idosas com déficit cognitivo tem o primário incompleto e ensino médio completo. No entanto, a maior parte das idosas com bons aspectos cognitivos (normal

e superávit) tem o primário incompleto. Demais resultados encontram-se no gráfico 1 a seguir.

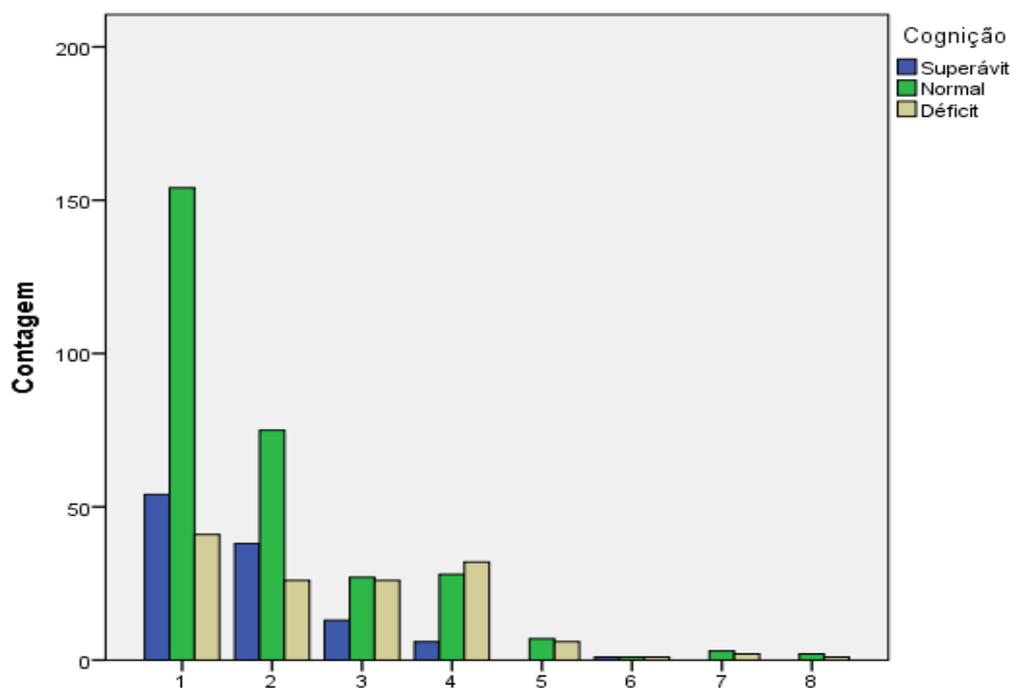


Gráfico 1- Números de idosas na comparação do teste cognitivo pelas categorias de estudo da Idosas do departamento do Idoso da Fundação ProAmor de Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

1- Primário Incompleto, 2- Primário Completo/ Fundamental Incompleto, 3- Fundamental Completo/ Ensino Médio Incompleto, 4- Médio Completo/Superior Incompleto, 5- Superior Completo, 6- Curso Técnico incompleto, 7- Curso Técnico completo, 8- Pós Graduação.

Na análise de relação entre os anos de escolaridade e do teste cognitivo, a correlação de Pearson (r) mostrou-se significativa a nível $p \leq 0,05$ para idosas com Primário Incompleto ($r=0,199$) e em toda a amostra ($r=0,382$), sendo o primeiro com explicação de 4% do resultado dos anos de escolaridade sobre o teste cognitivo, e o último explicando 14% do resultado do teste cognitivo. Ser idosa com Pós-Graduação teve a maior correlação entre os grupos ($r=0,929$), porém não mostrou significativa a nível de $p \leq 0,05$. Demais informações encontram-se na tabela 2 a seguir.

Variável	r	r^2
Primário incompleto	0,199	0,04*
Primário Completo/ Fundamental incompleto	0,041	0,00
Fundamental Completo/ Médio incompleto	0,121	0,01
Médio Completo/Superior Incompleto	0,270	0,07
Superior Completo	0,128	0,01
Curso Técnico Incompleto	0,721	0,52
Curso Técnico Completo	0,066	0,00
Pós- Graduação	0,929	0,86
Toda a amostra	0,382	0,14*

Tabela 2- Correlação de Pearson (r) e r^2 entre as variáveis escolaridade e estado cognitivo das Idosas do Departamento do Idoso da Fundação ProAmor de Ponta Grossa, PR, Brasil.

*= $p \leq 0,05$

4 | DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi verificar a relação do dado escolaridade com o estado cognitivo em idosas participantes do departamento do idoso da Fundação ProAmor da cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Dentre os resultados obtidos na caracterização da amostra, a média de idade das idosas esteve na média de outros estudos brasileiros (VAGETTI et al., 2013; MARTINS; SANTOS; ANDRADE, 2015). A maioria das idosas (71,3%) tem o ensino primário completo, demonstrando a baixa escolaridade da população idosa no país, o que também ocorre em outros países latino americanos. Porém, vale ressaltar que outros estudos preliminares também observaram que a escolaridade dos idosos brasileiros é baixa (VAGETTI et al., 2013, JORGE, 2017).

Este achado indica a precariedade do setor educacional da educação brasileira, onde nas décadas de 50 e 60 do século passado buscava-se a reestruturação do sistema com foco no combate ao analfabetismo. As demais características, como a predominância de idosas casadas, aposentadas e de classe C também são recorrentes em outros estudos brasileiros e latino americanos (BENEDETTI et al., 2008; CANO-GUTIERREZ et al., 2017).

Em relação ao aspecto cognitivo comparado à escolaridade informada pelas idosas, dentre os achados, observou-se que 75,2% das idosas apresentam aspecto cognitivo satisfatório e 24,8% apresentaram comprometimento cognitivo. Estudos como o de Faria et al. (2013), verificaram que 30% de sua amostra apresentam baixo desempenho cognitivo, e que, segundo este estudo, o comprometimento cognitivo pode ocorrer devido à baixa escolaridade, auxiliando na compreensão dos achados encontrados no presente estudo.

Segundo Xiu et al. (2013), o comprometimento cognitivo está associado significativamente com o avanço da idade, porém, o estudo de Paulo e Yassuda (2012) indica que a maioria dos déficits cognitivos ocorridos em idosos acontecem em indivíduos de baixa escolaridade.

Na análise da correlação de Pearson, foi possível verificar a relação de magnitude pequena para idosas com primário incompleto ($r=0,199$) e de magnitude média para toda a amostra ($r=0,382$). Os demais grupos de ensino não atingiram o nível de significância de $p \leq 0,05$. Este resultado indica haver relação da escolaridade com o estado cognitivo, porém, apenas quando analisada a amostra como um todo. O estudo de Junior, Lamonato e Gobbi (2011) verificou a mesma relação desta pesquisa e encontrou correlação significativa entre as variáveis. Outro estudo comparou idosos com demência e ativos, e observou que a escolaridade não se mostrou significativa

quanto à questão cognitiva (OLIANI et al., 2007). Com este resultado, observa-se que o envelhecimento e suas funções psicológicas, como a cognição, podem ser indicadores positivos para o bem-estar do idoso. Segundo Moraes, Moraes e Lima (2010) a presença de déficits cognitivos podem ocasionar fatores de limitações funcionais nos idosos, porém a escolaridade pode interferir de forma positiva ou não na cognição do idoso.

O estado cognitivo na amostra aqui analisada pode ser explicado pela escolaridade apenas no grupo de idosos com ensino primário incompleto e em toda a amostra. A variação do estado cognitivo é explicada em 4% para as idosas com ensino primário incompleto, e de 14% em toda a amostra de idosas explicou 14% da variação cognitiva. Ao analisar a estatística, observa-se que a cada ano a mais de estudo, o valor do resultado do teste cognitivo é aumentado em 0,115 para os idosos com ensino primário incompleto e de 0,415 em toda amostra, indicando que a escolaridade pode interferir na cognição do idoso.

É percebido que as pesquisas que analisam funções cognitivas são realizadas com idosos atendidos em ambulatórios ou institucionalizados, e os estudos apresentam um consenso em relação ao impacto negativo da escolaridade sobre as funções cognitivas (CABRAL et al., 2015).

O estudo de Tavares, Schmidt e Witter (2015, p. 114) comenta que as diferentes formas de educação “... na população brasileira, podem comprometer a acurácia dos resultados obtidos em avaliações neuropsicológicas, sendo necessária a adoção de pontos de corte estratificados por nível de escolaridade”, portanto esse dado pode justificar a não obtenção de dados significativos em outros grupo de escolaridade.

O estudo de Brucki e Rocha (2004) demonstrou que a escolaridade e outros dados demográficos podem interferir na cognição de idosos. Outro estudo também encontrou interferência da escolaridade na cognição em idosos, mostrando que o ambiente escolar e/ou anos de estudo tem função positiva em aspectos cognitivos na população idosa (RODRIGUES et al., 2018).

Este estudo apresentou algumas limitações. A primeira a ser destacada é a utilização de uma questão central de um instrumento (escolaridade) a outro instrumento completo (*Mini Mental State*), o que pode não retratar a realidade mostrada nos resultados. Outra limitação é a utilização de variáveis com envolvimento intrínseco, como no caso da escolaridade e cognição. Porém, o presente estudo colabora em apresentar a necessidade de observar a educação na população idosa no intuito de promover uma redução nos casos de demência e promovendo o estado cognitivo ativo em melhora da qualidade de vida da pessoa idosa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo verificou a relação do dado escolaridade com o estado cognitivo em idosas participantes do departamento do idoso da Fundação ProAmor da cidade de

Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Foi encontrada relação positiva entre a escolaridade e a cognição no grupo de idosos com ensino primário completo e no grupo que envolveu toda a amostra.

Este resultado apresenta a necessidade de ampliar as políticas educacionais que promovam a educação de idosos no Brasil, e de que o dado escolaridade precisa ser tratado nos estudos de forma multidimensional, pois carrega muitos significados da vivência de um indivíduo, que no caso da pessoa idosa, este pode colaborar para a manutenção cognitiva, melhorando sua autonomia e percepção de qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA-ABEP. **Critério de classificação econômica Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2015.

ALDERS, A. LEVINE-MADORI, L. The Effect of Art Therapy on Cognitive Performance of Hispanic/Latino Older Adults. **Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association**, Estados Unidos, v.27, n.3, p. 127-135, 2010.

ARGIMON, I.I.L. et al. Gênero e escolaridade: estudo através do mini exame do estado mental (MEEM) em idosos. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p.153-161, maio/dez. 2012.

BENEDETTI, T. R. B. et al. Atividade física e estado de saúde mental de idosos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.42, n.2, p.302-307, abr. 2008.

BIRCH, K. et al. Cognitive Function as a Mediator in the Relationship Between Physical Activity and Depression Status in Older Adults. **Journal of Aging and Physical Activity**, Birmingham, UK, v. 24, n.4, p. 540-546, ago. 2016.

BREWSTER, P. W. H. et al. Life Experience and Demographic Influences on Cognitive Function in Older Adults. **Neuropsychology**, Estados Unidos, v.28, n.6, p. 846–858, nov. 2014.

BRUCKI, S. M.D. et al. Sugestões para o uso do mini-exame do estado mental no Brasil. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, São Paulo, v.61, n.3-B, p.777-781, abr. 2003.

BRUCKI, S.M.; ROCHA, M.S. Category fluency test: effects of age, gender and education on total scores, clustering and switching in Brazilian Portuguese-speaking subjects. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, Ribeirão Preto, v.37, n.12, p.1771-1777, dez. 2004.

CABRAL, J. R. et al. Oficinas de educação em saúde com idosos: uma estratégia de promoção da qualidade de vida. **Revista de Enfermagem Digital e Promoção da Saúde**, [S.l.], v.1, n.2, p.71-75, jul./dez. 2015.

CANO-GUTIÉRREZ, C. et al. Evaluación de factores asociados al estado funcional en ancianos de 60 años o más en Bogotá, Colombia. **Biomédica**, Bogotá, v.37, n.1, p. 57-65, 2017.

DINIZ, B. S. O., VOLPE, F. M., TAVARES, A. R. Nível educacional e idade no desempenho no Miniexame do Estado Mental em idosos residentes na comunidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v.34, n.1, p. 13-17, 2007.

FARIA, C. A. et al. Desempenho cognitivo e fragilidade em idosos clientes de operadora de saúde. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, n.5, p. 923-930, 2013.

- FERREIRA-SANTANA, R. et al. Oficinas de estimulação cognitiva para idosos com baixa escolaridade: estudo intervenção. **Avances en Enfermagem**, Bogotá, Colombia. v.34, n.2, p.148-158, Ago. 2016.
- FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; MCHUGH, P. R. Mini-mental state: a practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. **Psychiatric Research**, Oxford, UK, v. 12, n. 3, p. 189-198, nov. 1975.
- GOMES, F. R. H.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. **Envelhecimento Humano: Cognição, qualidade de vida e atividade física**. Appris: Curitiba, 2017.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Brasil em números**. Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-392, 2013.
- JORGE, M. S. G. Caracterização do perfil sociodemográfico, das condições de saúde e das condições sociais de idosos octogenários. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 61-73, jan./abr. 2017.
- JUNIOR, A. C. Q., LAMONATO, A. C. C., GOBBI, S. Nível de escolaridade não influencia nível de atividade física em idosos. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1, p. 202-208, jan./mar. 2011.
- MATOS, A. I. P. de; MOURAO, I; COELHO, E. Interação entre a idade, escolaridade, tempo de institucionalização e exercício físico na função cognitiva e depressão em idosos. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 12, n. 2, p. 38-47, jun. 2016.
- MARTINS, R.; SANTOS, P.; ANDRADE, A. Satisfação com a vida em idosos: prevalência e determinantes. **Gestão e Desenvolvimento**, Portugal, n.23, p.107-123, 2015
- MAZO, G. Atividade Física e Qualidade de Vida de Mulheres Idosas. **Tese de Doutorado em Ciência do Desporto**. Universidade do Porto, Portugal, 2003.
- MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.507-519, 2016.
- MORAES, E. N., MORAES, F. L., LIMA, S. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista de Medicina de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.20, n.1, p. 67-73, 2010.
- OLIANI, M. M. et al. Locomoção e desempenho cognitivo em idosos institucionalizados com demência. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 109-114, jan./mar. 2007.
- OLIVEIRA, R. C.; SCORTEGAGNA, P. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.13, n.1, p. 53-72, jun. 2010.
- PARENTE, M. A. M. P. et al. Evidências do papel da escolaridade na organização Cerebral. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, PUC Rio Grande do Sul, v.1, n.1, p. 72-80, 2009.
- PAULO, D. L.V., YASSUDA, M. S. Queixas de memória de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v.37, n.1, p. 23-26, jan. 2010.
- ROCHA, J. P.; KLEIN, O. J.; PASQUALOTTI, A. Qualidade de vida, depressão e cognição a partir da educação gerontológica mediada por uma rádio-poste em instituições de longa permanência para idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 115-128, 2014.
- RODRIGUES, J. C. et al. Efeito de Idade e Escolaridade no Instrumento de Avaliação

Neuropsicológica Breve NEUPSILIN. **Psico-USF**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 319-332, 2018.

STERN, Y. Cognitive Reserve. **Neuropsychologia**, Amsterdam, v.47, n.10, p. 2015–2028, mar. 2009.

TAVARES, P. N.; SCHMIDT, J. H.; WITTER, C. Efeitos de um programa de intervenção no desempenho cognitivo e sintomatologia depressiva em idosos institucionalizados. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.18, n.2, p. 103-123, abr./jun. 2015.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VAGETTI, G. C et al. Condições de saúde e variáveis sociodemográficas associadas à qualidade de vida em idosas de um programa de atividade física de Curitiba, Paraná, Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 955-969, maio 2013.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n.3, p. 548-54, 2009.

XIU, L. L. et al. Cognitive impairment and limited dietary diversity or physical inactivity are conjoint precursors of incident diabetes more so in elderly women than men. **Asia Pacific Journal of Clinical Nutrition**, Austrália, v. 22, n. 4, p. 635-645, 2013.

YASSUDA, M. S; ABREU, V. S. P. Avaliação cognitiva em gerontologia. In: FREITAS, et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006, p. 1252-1259.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.